

ORALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O TRABALHO COM O GÊNERO SEMINÁRIO¹

Aline Calácia Rodrigues Neves²

Ananias Agostinho da Silva³

Resumo: Sabendo que o trabalho com os gêneros orais em sala de aula proporciona aos alunos o desenvolvimento de habilidades que serão indispensáveis para sua atuação em diferentes práticas sociais que requerem a modalidade oral como instrumento para comunicação do aluno, o presente artigo tem como foco central investigar como o livro didático de Língua Portuguesa aborda o gênero seminário e sugere alternativas didáticas de trabalho para o professor em sala de aula. Para isso, nos respaldamos a partir de autores como Marcuschi e Dionísio (2007), Marcuschi (2010), Farias e Souza (2019), Fávero (2019), Junior e Forte-Ferreira (2020), Travaglia (2017), Bakhtin (2016), Andrade e Melo (2020), Bueno e Abreu (2010), dentre outros. Metodologicamente, essa pesquisa se caracteriza como sendo uma pesquisa documental, qualitativa e descritiva. Por fim, alcançamos que o gênero seminário situado no livro didático de Língua Portuguesa, mostra então, pontos positivos e negativos para os processos de ensino e de aprendizagem do aluno sobre o determinado gênero, o livro didático também traz conceitos de como o gênero seminário é abordado e por último, mostra como o gênero seminário pode ser produzido em sala de aula a partir da prática.

Palavras-chaves: Livro Didático. Oralidade. Seminário.

Abstract: Knowing that working about oral genres in the classroom provides students with the development of skills that will be indispensable for their performance in different social practices that require the oral modality as a tool for student communication, this article focuses on investigating how the Portuguese language school book approaches the seminar genre and suggests didactic alternatives for teachers in the classroom. Thus, we use authors such as Marcuschi and Dionísio (2007), Marcuschi (2010), Farias and Souza (2019), Fávero (2019), Junior and Forte-Ferreira (2020), Travaglia (2017), Bakhtin (2016), Andrade and Melo (2020), Bueno and Abreu (2010), and others. Methodologically, this article is characterized as documentary, qualitative and descriptive research. Finally, we realised the seminar genre in the Portuguese language school book shows positive and negative points for the student's teaching and learning processes about the genre, the textbook also provides concepts of how the seminar genre is approached and finally, it shows how the seminar genre can be produced in the classroom based on practice.

Keywords: School book. Orality. Seminar

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Letras-Português, do Centro Multidisciplinar de Caraúbas (CMC), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Aluna do curso de Letras-Português, do Centro Multidisciplinar de Caraúbas (CMC), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT/UFERSA). E-mail: raline2399@gmail.com

³ Professor do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino, (POSENSINO) da associação ampla entre a UFERSA, o IFRN e a UERN. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT/UFERSA). E-mail: ananias.silva@ufersa.edu.br

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o ensino da Língua Portuguesa esteve voltado apenas para o aspecto gramatical, sem se preocupar com a competência comunicativa do aluno, com a reflexão sobre os usos da língua nos mais diversos contextos de interação. Essa realidade tem demandado das escolas e dos professores pensar possibilidades nas quais outras dimensões da língua estejam também presentes, como a oralidade, a leitura, a produção de texto e a análise e reflexão sobre a língua, o que poderá favorecer o desenvolvimento de competências necessárias à formação do aluno e à sua atuação social nas diversas esferas de interação humana.

A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998), desde a sua publicação, já recomendavam que o ensino da Língua Portuguesa deveria se centrar em práticas de linguagem significativas e contextualizadas, em que eixos como a oralidade, a escrita e a análise da língua fossem trabalhados no processo de aprendizagem, a fim de que o aluno pudesse desenvolver habilidades linguísticas básicas, como: falar, escutar, ler e escrever. O desenvolvimento dessas habilidades deveria ocorrer de modo paulatino, considerando as competências dos alunos em cada fase de aprendizagem, bem como a complexificação das práticas sociais em que atuariam.

Mais recentemente, também, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), documento normativo que tem orientado a construção dos currículos nas escolas brasileiras, referente ao componente curricular de Língua Portuguesa, sugere que cabe à escola proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa, crítica e autônoma nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita, pela produção textual e pela análise linguística/semiótica. A esse respeito, a BNCC (2018, p. 71) afirma que

Os eixos de integração de Língua Portuguesa são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses). (Brasil 2018, p. 71)

Especificamente a respeito da oralidade, Marcuschi (1997, p. 126) afirma que “a oralidade seria uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais formal ao informal e nos mais variados contextos de uso.” Afirmando isso, o autor sugere que a oralidade não se limita somente ao uso da fala nos diálogos informais do

cotidiano, como supõe o senso comum, e sim aos diversos contextos orais da língua que se manifestam em gêneros do discurso diversos, em variados campos de atuação.

Considerando essa proposição, os livros didáticos da disciplina de Língua Portuguesa carecem de apresentar conteúdos e atividades atinentes ao trabalho com a oralidade. Assim, no que diz respeito à presença da oralidade no livro didático de Língua Portuguesa, Marcuschi e Dionísio (2007, p. 29) observam que, “em geral, a visão da oralidade nos manuais escolares é muito superficial e pouco explícita”, mas que, visando isso, no geral, é um material que proporciona ao professor o ensino de oralidade em sala de aula para os discentes.

Ensinar gêneros orais em sala de aula, sejam eles contemplados pelo livro didático ou para além dele, é de extrema importância, pois os alunos necessitam desenvolver competências da oralidade para que possam saber se expressar oralmente sobre os mais variados assuntos, e atuar com competência nas variadas práticas sociais, seja em espaço escolar ou não escolar. Assim, o trabalho com os gêneros orais na escola é imperativo e deve ser planejado sistematicamente, sendo essa uma prática fundamental para o processo de ensino aprendizagem do aluno.

É papel da escola fazer com que os alunos pratiquem a oralidade, para que possam desenvolver essa competência em sala de aula, a partir do trabalho com gêneros do discurso orais formais/informais. Para Farias e Souza (2019, p. 29) “a escola é espaço para ampliar as possibilidades de uso da linguagem em função do desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas, textuais e discursivas de estudantes”. Os professores precisam considerar que trabalhar a oralidade não é apenas oralizar textos ou apenas conversar/dialogar com os alunos, e sim trabalhar a prática da oralidade fazendo com que os alunos saibam utilizar habilidades orais dentro e fora da sala de aula.

Com isso, dentre os mais diversos os gêneros orais trabalhados na escola, assim destacamos o gênero seminário, sendo esse um gênero realizado especificamente na modalidade oral, que é elaborado a partir de um tema e da exposição de conteúdos e conhecimentos sobre ele, e é apresentado a um determinado público. Porém, o trabalho com esse gênero em sala de aula não é tão simples, podendo ser um desafio tanto para os professores quanto para os alunos. Sabendo disso, neste artigo, buscamos responder ao seguinte questionamento, que norteou a nossa investigação: Como o trabalho com o gênero seminário é proposto pelo livro didático da coleção *Se liga na Língua* de Língua Portuguesa do 7º ano do Ensino Fundamental?

Assumimos que o livro didático é uma das ferramentas pedagógicas mais utilizadas nas escolas e está frequentemente presente no ensino da disciplina de Língua Portuguesa, como “instrumento que favorece a aprendizagem do aluno, no sentido do domínio do conhecimento

e no sentido da reflexão na direção do uso dos conhecimentos escolares para ampliar sua compreensão da realidade [...]” (Rojo; Batista, 2003, p. 44). A partir disso, essa pesquisa adota o objetivo geral de investigar como o livro didático de Língua Portuguesa aborda o gênero seminário e sugere alternativas didáticas de trabalho para o professor em sala de aula.

Para tanto, o *corpus* analisado constitui-se do livro didático do 7º ano do Ensino Fundamental da coleção “*Se liga na língua*”, aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação (MEC). Especificamente, analisamos o capítulo 6 do livro, que trata das vantagens e desvantagens para o ensino do gênero seminário, considerando uma série de habilidades e competências apontadas pela BNCC. Logo, como objetivos específicos deste trabalho, buscamos: analisar como o Livro Didático de Língua Portuguesa conceitua o gênero seminário e os conceitos de oralidade e oralização e, por fim, avaliar se as sugestões pedagógicas contidas no Livro Didático de Língua Portuguesa sobre o gênero seminário são convenientes para o ensino.

À vista disso, a estrutura deste trabalho encontra-se dividida em cinco partes: na primeira, tratamos da relação entre a fala e a escrita enquanto modalidades de realização da língua, a partir de autores como: Marcuschi e Dionísio (2007), Marcuschi (2010), Farias e Souza (2019), Fávero (2019) e Junior e Forte-Ferreira (2020). Na segunda, tratamos da presença da oralidade na escola, também com base nesses autores. Em seguida, na terceira parte, discutimos a respeito dos gêneros do discurso orais com enfoque no gênero seminário, a partir de autores como Travaglia (2017), Bakhtin (2016), Andrade e Melo (2020), Bueno e Abreu (2010). Em seguida, na quarta parte, é apresentada nossa metodologia, na quinta parte, é apresentada nossa análise realizada a partir do livro didático mencionado. Por fim, na última parte, apresentamos as considerações finais.

REVISÃO DA LITERATURA

As características da Oralidade e da Escrita

Desde de quando nascemos, a oralidade é a principal modalidade da língua de interação, visto que é desenvolvida antes da escrita, sendo então, segundo Marcuschi (1997), a escrita derivada e a fala primária. Então, partindo disso, podemos refletir a importância dessa prática social e que consequentemente se expõe por gêneros discursivos.

Assim, a oralidade é considerada por Marcuschi e Dionísio (2007, p. 35) como “todas as atividades orais no dia a dia”. Sendo então, a oralidade situada em contextos de uso informais, mas também em contextos de comunicação formal. Ainda de acordo com Marcuschi e Dionísio

(2007, p. 14), a respeito da língua que usamos, no caso o português, é “como língua escrita que ela é ali mais estudada, mas é como língua oral que se dá seu uso mais comum no dia a dia”. Nesse sentido, podemos entender que são essas modalidades, a escrita e a oralidade, que são mais frequentemente usadas no meio em que vivemos, não sendo uma, de um ponto de vista linguístico, superior ou inferior a outra. Na verdade, esses autores defendem que há relações entre essas duas modalidades da língua.

Se há relações entre a escrita e a fala, entendemos que elas são modalidades diferentes, mas se completam. Portanto, não podemos compreendê-las como modalidades dicotômicas, mas como formas diferentes de realização da língua. Dessa maneira, a oralidade e a escrita são correlacionadas da seguinte forma, segundo Farias e Souza (2019):

Produção oral e escrita, embora apresentem a mesma dimensão internacional, possuem características diferentes. Há fenômenos da oralidade que a escrita não consegue reproduzir: a prosódia, os gestos, os movimentos corporais, a tonalidade, o ritmo. Há fenômenos da escrita que a oralidade também não consegue reproduzir: tipo de fonte, tamanho de letras, elementos pictóricos entre outros. Apesar dessas diferenças, oralidade e escrita não se encontram em oposição e nem possuem grandes diferenças (Farias e Souza, 2019, p. 37).

Desse modo, percebemos que está cada vez mais explícito o quanto a oralidade e a escrita são práticas associadas, e que as suas diferenças são classificadas a partir da produção de cada modalidade. Marcuschi (2010, p. 18) afirma que a fala é

(...) adquirida naturalmente em contextos informais no dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização, por outro lado, a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. (Marcuschi 2010, p. 18)

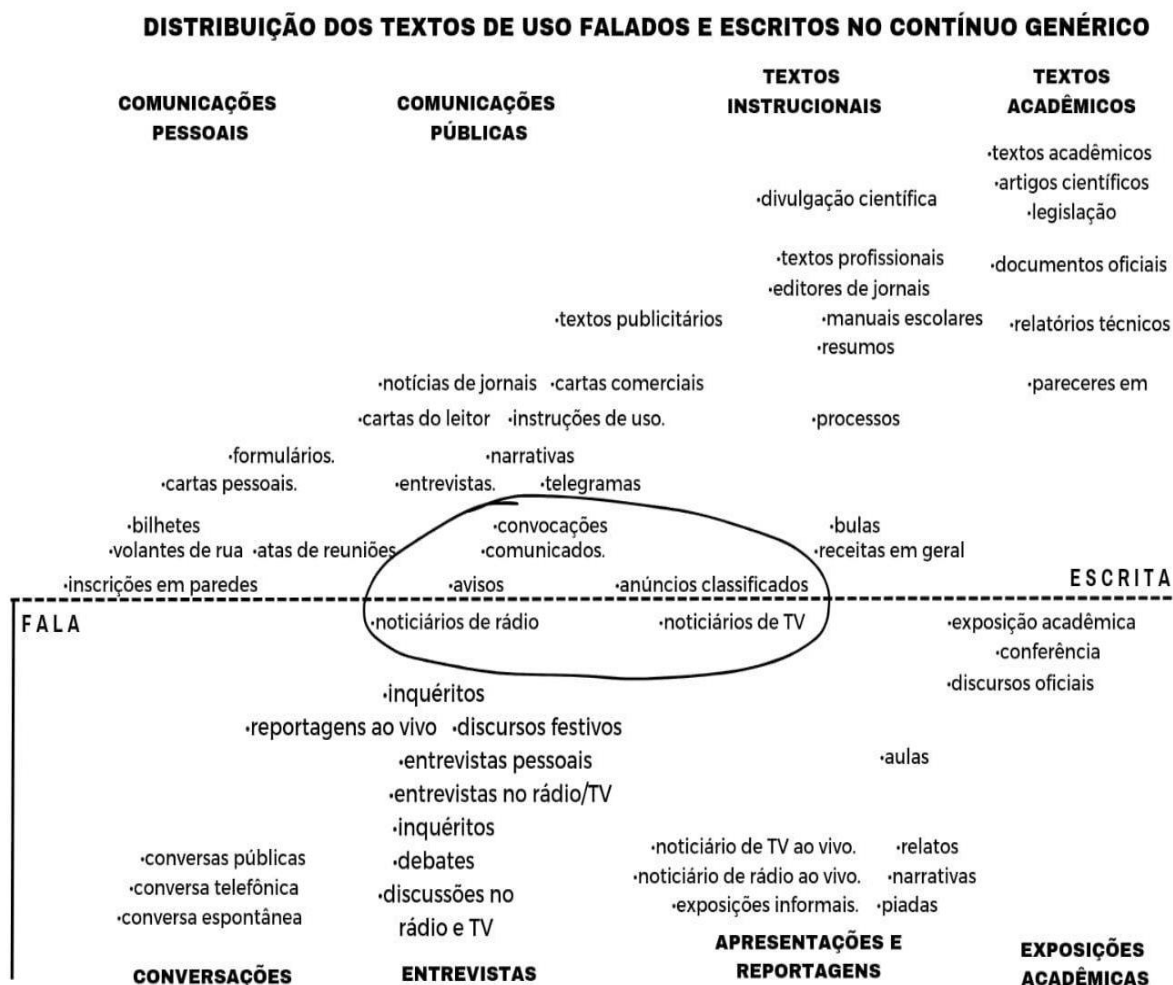
Sendo aprendida facilmente antes da escrita, em contexto familiar, por exemplo, a fala é um dos aspectos fundamentais para a vida cotidiana do ser humano, pois, é por meio dela que nos comunicamos e interagimos com nossos pares em situações as mais diversas.

Já a escrita, sendo ensinada em ambiente mais formal, a escola, por exemplo, é “usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo com a oralidade. Esses contextos são: o trabalho, a escola, o dia a dia, a família.” (Marcuschi, 2010, p. 19). Essa modalidade é estabelecida e caracterizada com o aprendizado na escola, através do ensinamento de professores, sujeitos mais experientes com as práticas que empregam essa modalidade.

Posto isso, a despeito da oralidade, “escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto” (Fávero 2000, p. 09). As duas têm características distintas, mas estão juntas no cotidiano, em ocasiões as mais diversas, não sendo, portanto, opostas. Mesmo sabendo que a fala é vista “como uma modalidade que não exige do falante uma preparação para o seu uso” (Júnior; Forte-Ferreira 2020, p. 14), os alunos enquanto usuários da língua necessitam que esse conhecimento seja aprofundado sistematicamente em sala de aula.

Abaixo, reproduzimos a figura de Marcuschi (2008, p. 197), que mostra a relação entre a fala e a escrita em *continuum*, ou seja, os gêneros do discurso podem apresentar características da escrita como também da oralidade.

Figura 01: Distribuição dos textos de uso falado e escrito no contínuo genérico.



Fonte: Marcuschi (2008, p. 197).

Percebe-se, então, que a figura 01 é uma representação de que a escrita e a fala estão relacionadas e que esses dois elementos cruzam graus de formalidade e informalidade. Na

figura 01, vemos o exemplo do noticiário de rádio ou de TV, que se realiza pela língua falada, mas pode também seguir um roteiro, esse mesmo roteiro sendo de língua escrita. Para afirmar isso, Marcuschi (2010 p. 42) diz que, “tanto a fala como a escrita apresentam um continuum de variações, ou seja, a fala varia e a escrita varia.”. Existem essas variações em razão de estarmos em um meio social de grupos diferentes, e que a maneira de se comunicar atende às necessidades dos falantes.

Fávero (2009) também mostra, no quadro 01, as particularidades entre a fala e a escrita, ainda que assumindo que elas estão relacionadas.

Quadro 01: Características da fala e da escrita

Fala	Escrita
Interação face a face	Interação a distância (espaço – temporal)
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	Planejamento anterior à produção
Criação coletiva: administrada passo a passo	Criação individual
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão
Sem condições de consulta a outro texto	Livre consulta
A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante quanto pelo interlocutor	A reformulação é promovida apenas pelo o escritor
Acesso imediato a reação do interlocutor	Sem possibilidade de acesso imediato
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	O escritor pode processar o texto a partir das reações do leitor
O texto mostra todo seu processo de criação	O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

Fonte: Fávero (2009, p. 74).

O quadro 01 apresenta as características de cada uma dessas modalidades e sugere que a relação entre elas está de fato em um continuum, indo do grau formal ao informal, ou seja, dependendo do contexto de uso.

Um dos traços ilustrados no quadro para caracterizar essas duas modalidades é a relação entre o planejado e não planejado. Na fala, o planejamento é simultâneo ou quase simultâneo à produção. Por isso, corriqueiramente, nesta modalidade dizemos que a fala ocorre sem planejamento, espontânea e que não tem uma organização antes de cada posicionamento.

Enquanto isso, na escrita, o planejamento é anterior à produção, que se caracteriza como ter um pensamento antes da realização e que existe uma preparação.

Marcuschi (2010), contudo, fala que a grande variação presenciada na oralidade não se verifica com a mesma intensidade na escrita, dado que a escrita tem normas e padrões ditados pelas academias. Com isso, percebe-se que a oralidade é uma prática em que existem diferenças a partir do uso. Posto isso,

(...) a fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização, por outro lado, a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. (Marcuschi 2010, p. 18)

Além disso, Marcuschi (2010 p. 25) diz que “a oralidade é uma prática social comunicativa, que para fins, apresenta diversas formas de engajamento ou gêneros textuais que são iniciados em uma realidade sonora”, ou seja, a oralidade não é apenas restringida para uma realização mais formal a informal, e nem ao uso da fala, mas incluindo características do ser humano como, expressão corporal, os gestos, o tom da voz, e sendo estabelecido em cada contexto de uso.

Assim, mesmo a oralidade e a escrita sendo duas modalidades de realização da língua que se relacionam, elas também têm usos e características próprias, sendo as duas importantes para a aprendizagem do aluno.

Logo, Marcuschi e Dionísio (2007, p. 15) afirmam que: “em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade”. Em razão disso, o campo educacional necessita que o ensino de oralidade seja trabalhado de forma intensiva, fazendo com que os gêneros orais sejam desenvolvidos em sala de aula

Oralidade no espaço escolar

A escola é o espaço que capacita o aluno para a evolução dos seus conhecimentos. É ela a responsável pela estruturação do desenvolvimento do aluno na oralidade e na escrita em sala de aula, bem como pelo desenvolvimento de competências linguísticas que lhe permitam fazer uso dessas modalidades de modo proficiente. A respeito da oralidade, é importante ressaltar que o papel da escola não é ensinar o aluno a falar, mas sim ensinar ao aluno a “usar as formas orais em situações que o dia a dia nem sempre oferece, mas que devem ser dominadas”

(Marcuschi, 2008, p. 55). Em outras palavras, é preciso ensinar ao aluno diferentes gêneros orais, para que a comunicação do aluno seja sempre desenvolvida.

Com isso, é importante ressaltar, a importância da língua oral na escola, visto que,

(...) o trabalho com a língua oral na escola não deve ser limitado ao estudo da fala padrão, tendo como princípio a gramática normativa, que estabelece as regras para a produção de uma boa escrita. As atividades com a língua oral devem contemplar as diversas situações comunicativas expressas, através de diferentes gêneros textuais/orais utilizados no nosso dia a dia, de forma que o aluno perceba a variedade de recursos utilizados durante o processamento da língua oral, que podem ser construídos de forma espontânea ou planejada. (Junior e Forte-Ferreira 2020, p. 17)

Com isso, o ensino da oralidade pode contribuir para uma melhor comunicação do aluno em espaço escolar e não escolar, o que, por sua vez, irá favorecer a aprendizagem da língua de modo geral e o desenvolvimento de competências essenciais à sua atuação social.

Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacional – (PCN) (BRASIL, 1997; 1998) de Língua Portuguesa enfatizam que os alunos podem ter o domínio de línguas e linguagem e que as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Com isso, os PCN (1998, p. 58-59) ainda propõem que a escola organize o ensino do aluno da seguinte maneira: primeiro aprender ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; e segundo expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato.

Nessa mesma direção, também a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) afirma que a oralidade é um dos eixos principais de ensino de Língua Portuguesa. Sendo assim, este eixo compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, seminário, debate, programa de rádio, entrevista e etc. Esse documento chega a propor uma competência que é importante para o ensino de oralidade em Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, ao dizer que o aluno deve aprender a “ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.” (Brasil, 2018 p. 87).

Além disso, a BNCC também mostra as habilidades a serem desenvolvidas a partir de um possível trabalho com os gêneros orais:

(EF69LP38) “Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias

que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.” (Brasil, 2018 p. 153).

(EF69LP40) “Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, por meio do encadeamento de temas e subtemas (coesão temática), síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) e cinésicos (tais como: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, modulação de voz e entonação, sincronia da fala com ferramenta de apoio etc.), para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento.” (Brasil, 2018 p. 155).

(EF69LP41) “Usar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto (e imagem) por slide, usando progressivamente e de forma harmônica recursos mais sofisticados como efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados etc.” (Brasil, 2018 p. 155).

À vista disso, o desenvolvimento dessas habilidades é importante para o ensino da oralidade, de modo que cabe à escola e ao professor planejar o trabalho com o gênero seminário, de maneira sistemática, visando a formação do aluno enquanto sujeito capaz de falar e defender seus pontos de vista, bem como de apresentar um determinado assunto de modo que o seu interlocutor possa compreender.

É valioso ressaltar que, mesmo ocorrendo muitas discussões na academia e nas escolas por professores e pesquisadores a respeito “da importância do desenvolvimento da língua oral nos espaços escolares, percebe-se que esta modalidade da língua ainda não recebe a mesma atenção que é dada à língua escrita.” (Junior e Forte-Ferreira, 2020 p. 13). Portanto, as escolas precisam direcionar atenção também para a língua oral e fazer com que os alunos desenvolvam essa habilidade em sala de aula.

Tendo em consideração que a oralidade é uma das modalidades mais importantes que o ser humano pode desenvolver no meio em que vive, por ser um meio de comunicação e expressão, é necessário que seja também uma modalidade trabalhada progressivamente em sala de aula. Com isso, a fala é caracterizada como uma modalidade oral de uso, em que se destaca a forma de produção textual-discursiva, que envolve uma série de recursos expressivos e fundamentais para o ensino-aprendizado do aluno.

Gêneros orais – o seminário

Para Bakhtin (2016), falamos e escrevemos por meio de gêneros do discurso, que são habitados em nosso cotidiano nas mais diversas práticas e campos sociais nos quais interagimos. Bakhtin (2016, p. 38) ainda diz que “falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todo o nosso enunciado tem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção de conjunto*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos).” Em geral, os gêneros orais particularmente são aqueles que contêm como base a voz humana, sendo assim definidos como aqueles que praticamos de modo falado, mesmo que haja uma versão escrita.

Dessa maneira, especular qual o conceito do gênero oral é fundamental para o desenvolvimento no ensino aprendido do aluno:

(...) quando dizemos que vamos trabalhar com gêneros orais, parece, à primeira vista, que o conceito do que são gêneros orais seja algo bastante tranquilo. O conceito parece óbvio: são aqueles gêneros da língua oral. Todavia, quando nos aproximamos dos gêneros existentes empiricamente, percebe-se que o conceito de gêneros orais não é tão tranquilo quanto se pensa. (Travaglia 2017, p. 13)

Sem dúvidas, estudar gêneros orais formais é importante para o desenvolvimento das competências comunicativas do aluno, tendo em vista que os gêneros, de maneira geral, são objetos para o ensino de língua portuguesa.

Se “podem ser considerados gêneros orais aqueles que têm uma versão escrita, mas que têm uma realização prioritariamente oral, usando a voz como suporte” (Travaglia, 2017, p. 18), entendemos que o seminário é um gênero que se constrói a partir da interação entre essas duas versões, tendo um suporte escrito para determinada exposição oral.

Mas, conseqüentemente, “mesmo que seja lido em voz alta não será um gênero oral” (Travaglia, 2013, p. 04), ou seja, os professores devem saber que a oralidade não é um texto lido, isto é, quando o texto é lido, isso se caracteriza como uma oralização, mas não necessariamente como oralidade. Esses são dois aspectos diferentes, oralidade e oralização, que devem ser destacados em sala de aula. Então, o ensino do gênero seminário, especificamente, não deve ser de qualquer forma, mas deve ocorrer de modo planejado, a partir de um trabalho que promova o desenvolvimento da oralidade do aluno, e não limitando-se à simples oralização de um texto escrito por meio da leitura em voz alta. O trabalho com esse gênero supõe conhecimentos específicos que sejam atribuídos a partir do discurso e características que precisam ser aplicadas na oralidade.

Contudo, podemos afirmar que existem gêneros orais que têm a função de serem oralizados dentro de uma determinada comunidade de atividades humanas, sendo então, “as conferências, as comunicações científicas, as notícias para jornais falados no rádio e na TV, as peças de teatro, as telenovelas, os esquetes humorísticos e estes é que serão considerados

gêneros orais e não a simples oralização de qualquer texto. ” (Travaglia, 2007, p. 5). Então, quaisquer textos que são lidos não podem ser considerados como gêneros orais, nem a prática de leitura em voz alta diz respeito ao trabalho com oralidade na escola. Ou seja, sabemos que nas escolas desenvolvem bastante a prática da oralização de textos e não da oralidade que se caracteriza como uma modalidade falada em diversos gêneros orais.

Especificamente, o gênero seminário é definido como um gênero de exposição oral, tendo em vista que uma pessoa ou um determinado grupo de pessoas fazem pesquisas sobre um tema específico e fazem a realização deste trabalho apresentando-o oralmente a um determinado público. É, por isso, um gênero expositivo cuja finalidade é a transmissão de saberes construídos historicamente pela humanidade. Por ser um gênero oral, “o seminário só se realiza plenamente quando é apresentado numa situação concreta de interação” (Andrade; Melo, 2020 p. 404).

Além disso, o gênero seminário é classificado como “um gênero oral bastante complexo na medida em que demanda, para ser bem realizado, capacidade superior à necessária para se fazer uma exposição oral em público”, como dizem Bueno e Abreu (2010, p. 123). E então, por ser um gênero complexo, necessita que haja um acompanhamento do professor. Os autores ainda dizem que há necessidade dividir o seminário em duas etapas para sua realização, sendo a primeira como preparação e a segunda apresentação.

Segundo Bueno e Abreu (2010, p. 123), “a preparação diz respeito à organização do grupo, do tempo e distribuição das tarefas, pesquisa e leitura de textos, fichamentos, preparação da apresentação – elaboração do roteiro e dos slides/transparências, ensaio da apresentação e teste/treino com aparelhos audiovisuais”, sendo referida ao modo como os alunos podem apresentar, seja sob a forma de slides, cartazes, bem como também refere-se ao estabelecimento de determinado tempo e suas transparências na exposição oral.

A segunda etapa, segundo Bueno e Abreu (2010, p. 123),

(...) refere-se ao seminário propriamente dito, em que, além de saber a linguagem adequada, o conteúdo a ser trabalhado e a ordem de apresentação, será preciso ter claro qual a aparência e postura física a ser adotada (roupas, mãos, olhares, tom da voz etc.) para que se consiga atingir a finalidade do seminário. (Bueno e Abreu 2010, p. 123)

Com isso, para esses autores a formação de um seminário deve conter planejamento, organização, estudos e não ser de forma improvisada, como afirmam Andrade e Melo (2020, p. 405).

(...) para que todo esse processo se configure realmente no gênero seminário, essa atividade requer um planejamento em que o aluno ou o grupo seleciona as informações, a partir de pesquisas em variadas fontes, organiza-as em um novo texto e elabora o conteúdo (roteiro) a ser exposto. Esse momento de preparação do seminário é tão importante quanto a apresentação em si, por isso deve ser bem elaborado. (Andrade e Melo 2020, p. 405)

Sendo assim, uma apresentação de seminário precisa seguir características que o gênero aborda, cujas suas informações sejam bem ordenadas. Mas, acima de tudo, sabemos que não é um gênero fácil a ser desenvolvido, mas que, mesmo diante das dificuldades, a escola necessita fazer com que esses gêneros orais sejam desenvolvidos em sala de aula. Isso porque, a partir de que professores de diversas disciplinas seguem nessas mesmas perspectivas com o gênero seminário, por exemplo, a modalidade oral se torna cada vez mais presente na vida do ser, e aí, o processo de ensino aprendizagem também cresce.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Caracterização do tipo de pesquisa

Em função do objetivo geral, que é investigar como o livro didático de Língua Portuguesa aborda o gênero seminário e sugere alternativas didáticas de trabalho para o professor em sala de aula, essa pesquisa tem a finalidade de uma pesquisa documental, que “baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 55).

Além disso, essa pesquisa se dá também como uma investigação qualitativa, pois “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Nesse sentido, buscamos investigar como o professor pode abordar e explicar o gênero seminário em sala de aula, através do livro didático e que a prática da oralidade pode ser desenvolvida por determinado gênero em sala de aula.

Também, o estudo dessa pesquisa é construído por meio de uma abordagem descritiva. Entendemos assim porque a nossa pesquisa “visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52), utilizando de uma análise com o intuito de colher os dados através de indagações, hipóteses e observações por um determinado assunto no Livro Didático de Língua Portuguesa.

Definição do corpus

A análise deste trabalho foi realizada em uma coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa aprovada pelo PNLD, do MEC, e adotado por escolas públicas brasileiras. Nossa análise recaiu sobre a coleção *Se liga na Língua* (Ormundo; Siniscalchi, 2018) notadamente sobre o livro destinado ao 7º ano do Ensino Fundamental II, apresentado na figura abaixo.

Figura 02: Capa do livro didático *Se liga na Língua*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018)

A coleção *Se Liga Língua*, apresentada acima, é de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, e a produção dessa coleção é da editora Moderna.

Sendo analisado exclusivamente o capítulo 6, cujo título é: *Palestra e Seminário: a arte de falar em público*. A organização do capítulo é dividida em três seções: observação de uma transcrição de um seminário *Leitura 2*, em seguida um eixo com a teoria do gênero *Da observação para a teoria*, e, por fim, a prática, *Nosso seminário na prática*, sendo elas, exemplificadas na análise.

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Nossa análise recaiu especificamente sobre um exemplar do manual do professor, que, em sua parte de orientação pedagógica, apresenta quais gêneros textuais orais diversos são estudados na coleção, bem como a maneira pela qual eles são distribuídos:

Como o seminário, a palestra, a entrevista e o debate, por exemplo. Sua abordagem põe em destaque os diferentes processos de interação – interação frente a frente, fala para público sem interrupção, fala editada etc. –, com base nos quais se discutem o

papel do falante, a troca ou não de turnos e as relações entre tais fatores e a qualidade da interação. Estudam-se também situações de oralização de textos em diferentes contextos, como a produção de podcasts, resenhas em vídeos e peças teatrais. As situações de oralidade apresentam-se inseridas nos diferentes campos de atuação. (Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. XV)

Com isso, sabendo que a coleção traz a diversidade de gêneros da modalidade oral, essa análise busca investigar especificamente a proposição de trabalho pedagógico com o gênero seminário. O livro analisado, em seu capítulo 6, traz inicialmente os objetivos do trabalho com esse gênero e apresenta dicas para o professor adaptar e melhorar o seu trabalho em sala de aula. A figura 03 demonstra alguns detalhes de como o gênero seminário no capítulo 6 é indicado pelos autores.

Figura 03: Quadro de resumo do capítulo 6 do livro “Se liga na língua” do 7º ano.

CAPÍTULO 6 – PALESTRA E SEMINÁRIO: A ARTE DE FALAR EM PÚBLICO				
Leitura 1	Leitura 2	Se eu quiser aprender mais	Nosso seminário na prática	Textos em conversa
Palestra de Mara Mourão sobre seu documentário <i>Quem se importa</i> p. 182 Desvendando o texto p. 184 Como funciona uma apresentação pública? p. 185	<i>Projeto de Engenharia</i>, alunos de escola paulistana p. 187 Refletindo sobre o texto p. 189	O paralelismo sintático p. 191	Momento de produzir p. 194 Momento de avaliar p. 195	Palestra de Mara Mourão e documentário <i>Quem se importa</i> p. 196

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 13).

Neste capítulo, os autores apresentam caracterizações de dois gêneros orais, a palestra e o seminário, em uma mesma sequência de atividades, considerando esses gêneros como de apresentação pública. Como se percebe pela figura, a proposição do trabalho é dividida em cinco seções, que se referem à observação para conhecimento do gênero, por meio da leitura de trechos de outros textos; à teoria, isto é, à conceituação do gênero; e à prática, quando os alunos são convidados a produzir o gênero.

A observação tem como objetivo possibilitar aos alunos examinar uma transcrição de um seminário que o livro apresenta. Na teoria, são apresentados conceitos e explicações do que são esses gêneros, tendo como objetivo fazer os alunos entenderem cada gênero. Por último, a prática tem o objetivo de fazer os alunos produzirem o seminário em cartazes, slides e etc. A seguir, analisamos esses aspectos minuciosamente.

A observação de como o livro didático apresenta o gênero seminário

A respeito do trabalho com o gênero seminário, a observação começa na “*Leitura 2*” apresentada a seguir na figura 04, que traz a transcrição de um seminário (que os alunos farão a leitura). Trata-se da proposição de um primeiro contato com esse gênero, para que, logo após, o livro apresenta uma atividade sobre essa transcrição.

Figura 04: Leitura 2: Projeto de engenharia

Projeto de engenharia

Thiago: Eu tô aqui pra falar do meu projeto de engenharia, que é sobre emissão de poluentes na atmosfera. Um dos maiores problemas que a gente tem hoje é a poluição, como vocês podem ver nessa foto *[aponta uma foto projetada, na qual se veem chaminés soltando fumaça]*. Ela tá estragando o mundo, e nós tivemos que bolar uma ideia para tentar diminuir essa poluição e salvar o meio ambiente. Agora o Júlio vai falar um pouquinho sobre a pesquisa inicial que a gente fez pra descobrir como é que isso é aplicado no mundo real.

Júlio: Então, a gente passou bastante tempo tentando pesquisar alguma forma de conseguir conter boa parte da poluição. A gente tava procurando alguma forma realmente eficiente que conseguisse segurar bastante, mas todas elas eram muito complexas, caras e exigiriam muito tempo. Algumas envolviam colocar algas que conseguiriam transformar o gás carbônico em oxigênio, mas isso não seria disponível aqui. E uma outra, que a gente realmente achou bastante interessante, que conseguiria transformar o gás carbônico em combustível, gasolina, passando por um processo químico, mas precisaria de fazer a eletrólise da água, juntar com... outros materiais químicos, que a gente não teria condição de fazer aqui. Então a gente acabou optando por um modelo mais simples que foi proposto pela própria ONU, que é simplesmente colocar filtros ao longo da chaminé das indústrias pra conseguir reter parte dos poluentes. Não é tão eficiente, mas já ajuda a conter a poluição e é fácil de ser implementada nas indústrias.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 187).

Nessa observação, os alunos poderão perceber que se trata de uma apresentação entre alunos e que o texto possui as marcas de oralidade, como por exemplo: repetição de palavras, pausa antes de continuar a falar e gesticulação corporal. Em seguida, o livro já traz uma breve atividade, para que, a partir da leitura da transcrição do seminário, os alunos tentem responder identificando como o gênero seminário é produzido, como foi realizada a pesquisa, se aparecem marcas de oralidade, recursos e como foi a apresentação.

Podemos perceber que essa atividade é de suma importância para que o nível de aprendizado dos alunos seja desenvolvido e esse aprendizado seja fixado de modo que possam tentar se posicionar após o primeiro contato com o gênero seminário. Mas, podemos ver que o livro não traz de início uma explicação consistente do que é o gênero seminário e de como esse gênero é composto, necessitando, assim, de uma complementação sobre esse conteúdo por parte do professor e também de uma explicação, para que o aprendizado do aluno possa ser alcançado, visto que não tem como um aluno saber responder uma atividade só baseando-se em trechos de um único exemplo; ele também necessita do conteúdo.

A teoria do livro didático a respeito do gênero seminário

Para a seção de teoria, o livro didático destaca duas etapas para trazer os conceitos que envolvem o gênero seminário, o primeiro:

A palestra e o seminário são comunicações orais produzidas com o objetivo de transmitir conhecimento a um público em um evento determinado. Não são falas espontâneas; os comunicadores planejam a exposição antes e, durante a apresentação, cuidam para que sua fala seja bem entendida pelos ouvintes. Em geral, são comunicações formais, ainda que algum grau de informalidade possa existir, dependendo do público. Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 187)

O segundo:

Nos seminários, assim como em outros gêneros orais públicos, emprega-se uma linguagem monitorada, com vocabulário variado, construções precisas, atenção à concordância verbal e nominal, entre outros fatores. Além disso, são utilizadas palavras e expressões que organizam o discurso para que o ouvinte o entenda com mais facilidade. A fala deve parecer natural, mas não pode ter muitos aspectos informais. Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 190)

A partir da análise do livro, percebe-se que a teoria aplicada para ser ensinada aos alunos é limitada, mas que estão de acordo com o que os alunos devem aprender. Sendo um gênero oral que utiliza palavras e expressões com formalidade que não são fáceis, mas que deixe seu discurso de determinado tema, compreensível ao público.

Portanto, esses conceitos do livro didático em comparação com os conceitos dos autores do segmento teórico sobre o gênero seminário, entendemos que há uma relação entre as características. Tornando-se aspectos que se fazem presentes na elaboração do seminário. Segundo Bueno e Abreu (2010) essas características requerem planejamentos, expressões e fala organizada.

Praticando o gênero seminário no livro didático

Por seguinte, o livro já traz as informações de como os alunos devem produzir o seu seminário, expondo objetivos para que sejam alcançados na produção do seminário proposto, usando competências e habilidades de acordo com a BNCC. A proposta sugere partir de documentários assistidos pelos alunos, com as seguintes indagações:

Figura 05: Objetivos do seminário

Os objetivos do seminário serão os seguintes.

- **Indicar os dados técnicos do documentário.** Quando foi lançado? Qual é o país de origem dos produtores? Quem fez o roteiro e quem dirigiu o filme?
- **Expor seu tema e como foi desenvolvido.** Conta-se uma história? Há depoimentos? As filmagens acontecem em lugares específicos ou em estúdio? As pessoas são mostradas em situações reais ou são atores interpretando personagens?
- **Apontar os eventos que ocorreram durante a produção.** Houve dificuldades para fazer as filmagens, como baixo orçamento, local de difícil acesso, recusa de autoridades, ameaças etc.?
- **Mostrar a recepção da obra.** Muitas pessoas assistiram ao documentário? Que tipo de público demonstrou interesse? O documentário recebeu premiações? Teve destaque na mídia? Tem sido discutido em escolas?
- **Explicitar a importância do tema.** Por que o tema trabalhado é relevante para as pessoas diretamente envolvidas e para a sociedade em geral?

Os seminários serão apresentados na sala de aula, e cada grupo terá de 8 a 15 minutos.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 193).

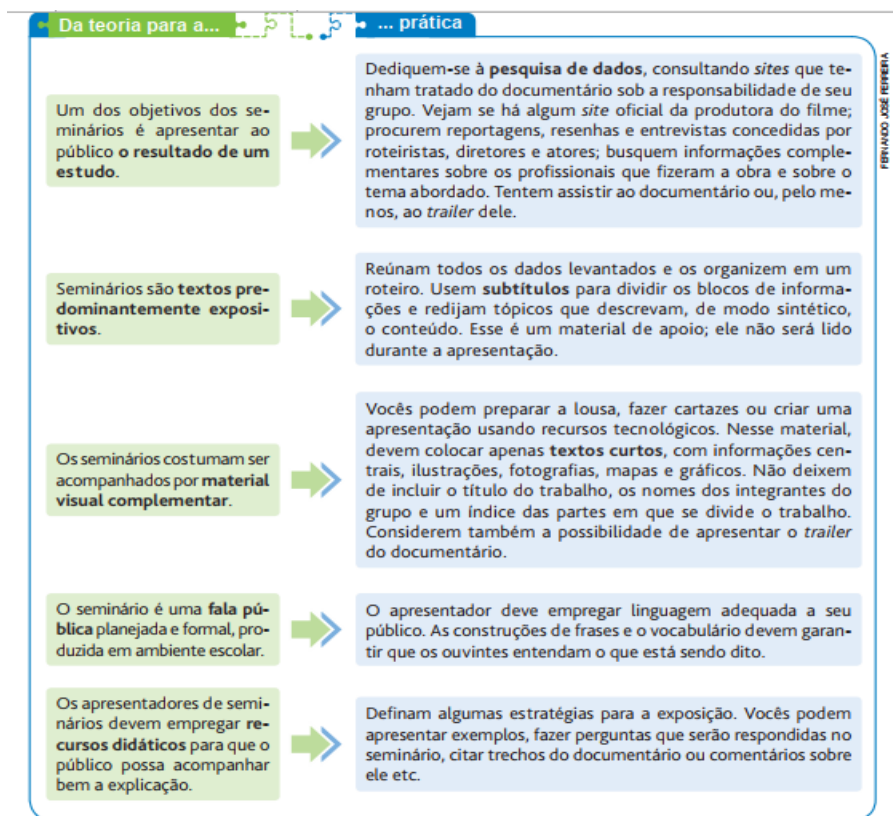
São perguntas essenciais para orientarem a produção do seminário. Esse tipo de pergunta motivadora pode ser encarada como “instrumentos para ações linguísticas discursivas para atingir um objetivo” (Travaglia, 2013, p. 03). Além disso, o livro ainda indica que os seminários serão apresentados em sala de aula, e que cada grupo terá de 8 a 15 minutos, sugerindo que sejam grupos de quatro alunos, que o professor deixe para que os alunos escolham o tema ou façam sorteios e também traz as fontes de cada documentário sugerido.

Ainda na produção do seminário, o livro didático aponta um ponto muito importante e que deve ser bastante repetido e explicado ao aluno, mas que o livro traz apenas uma pequena exposição dizendo que “o seminário não é um texto lido e que é produzido oralmente” (Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. 194), ou seja, esse gênero deve ser desenvolvido a partir da oralidade e não da oralização, visto que, segundo Araújo e Silva (2016, p.9), “A oralização da escrita não é produção do gênero oral”, e sim a prática da oralidade vai muito além disso.

Então, podemos perceber que o livro traz uma diferenciação entre oralidade e oralização, mas de forma superficial, ou seja, o livro aborda esse ponto, mas não aborda suas particularidades. Essa distinção é fundamental para que os alunos possam ter uma determinada orientação do que seja a oralidade e de como ela é desenvolvida, bem como tenham uma percepção melhor sobre determinados gêneros orais e dos elementos que os compõem, como a fala coletiva, expressões e gesticulações.

Continuando na prática, o livro explica detalhadamente como o aluno deve seguir determinadas instruções da teoria para a prática. Sendo assim, expõe como o seminário deve ser trabalhado, como é o seu desenvolvimento, quais objetivos e etc. A figura 06, retirada do livro didático, mostra como o aluno pode seguir as orientações para a elaboração do seu seminário, sendo demonstrada a teoria e detalhada a prática.

Figura 06: Da teoria para a prática



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 194).

Então, a partir do que vimos na figura acima, o livro traz detalhadamente explícito como o seminário é desenvolvido a partir da relação entre locutor e interlocutor, como devem ser posicionados quem vai apresentar e os ouvintes. A figura ainda considera como o seminário deve ser produzido levando em conta os objetivos, como também o ambiente de apresentação e os recursos didáticos a serem utilizados.

Sendo assim, compreende-se que o gênero oral deve ser desenvolvido de forma sistemática, sendo necessárias intervenções que beneficiem o ensino e a aprendizagem desse gênero. Com isso, observando a relação entre oralidade e escrita, no quadro 01, percebe-se que esses dois modos são mais que fundamentais para o ensino-aprendizado do aluno.

Contudo, para apresentação do seminário ainda são trazidas instruções de como os alunos podem seguir, sendo elas, consideradas para um bom desempenho.

Figura 07: Apresentando seminário

Apresentando nosso seminário

1. Optem por uma apresentação com todos os integrantes em pé na frente da sala de aula ou por deixar aqueles que não estão falando sentados em cadeiras colocadas nas laterais da sala.
2. Permaneçam em silêncio durante o seminário, prestando atenção à fala do colega para complementá-la, caso seja necessário.
3. Procurem adotar uma postura corporal que demonstre interesse pelo que está sendo dito pelos colegas.
4. Não expressem, com palavras, gestos ou expressões faciais, reprovações em relação a quem fala. Tais reações podem contaminar o público, que deixará de valorizar o trabalho.
5. Iniciem a exposição saudando o professor e o público, apresentem o tema do trabalho, os integrantes do grupo e as partes da exposição.
6. Apresentem cada uma das partes, lembrando-se de que a exposição não é uma leitura ou uma repetição dos textos projetados ou mostrados em cartazes.
7. Passem o turno de fala para o próximo apresentador, anunciando brevemente o assunto que será tratado. Por exemplo: *Agora Marina falará sobre o orçamento do filme.*
8. Mantenham, se necessário, um roteiro da apresentação nas mãos, mas só o consultem em caso de dúvida.
9. Falem olhando para a plateia, sem se fixar em um único ponto. Tentem perceber, pela reação dos colegas, se alguma ideia precisa de explicação mais detalhada ou clara.
10. Tenham cuidado para não ficar de costas para o público quando estiverem mostrando imagens ou textos no material complementar.
11. Respirem calmamente, pronunciem as palavras em voz alta e com nitidez e procurem, dentro do possível, reduzir as pausas.
12. Movam-se com naturalidade e sincronizem a fala aos gestos para, por exemplo, marcar ênfases.
13. Finalizem a apresentação agradecendo a atenção e se ofereçam para responder a possíveis dúvidas do público.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 195).

Percebemos que esse quadro aborda pontos que são importantes para o desenvolvimento do aluno na apresentação do seminário e para a avaliação do professor.

O livro ainda traz, na figura 08, como os alunos podem reelaborar o seminário, em que os alunos podem se autoavaliar.

Figura 08: Reelaborando nosso seminário

Reelaborando nosso seminário

Este é um momento de autoavaliação. Observe os passos a seguir para realizar a tarefa.

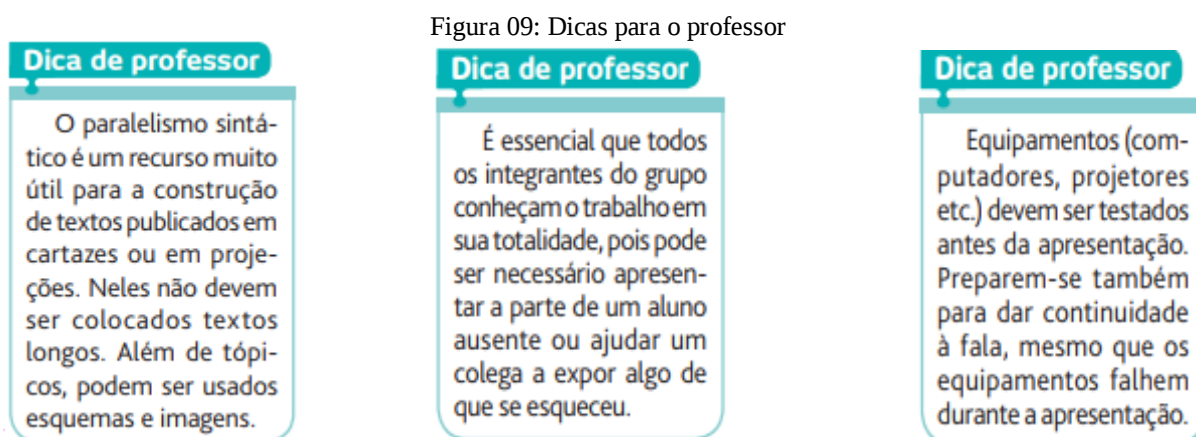
1. Discutam a avaliação que receberam, procurando entender quais pontos poderiam ser aprimorados.
2. Na sequência, cada integrante deve comentar o desempenho de seus colegas de grupo.
3. Se o seminário tiver sido filmado, assistam e vejam quais pontos, na opinião de vocês, não estavam satisfatórios. Recorram ao quadro de critérios da página anterior.
4. As observações feitas não serão aproveitadas em nova apresentação deste trabalho, mas vão servir para que vocês tenham mais segurança em futuras apresentações.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 196).

Esse é o momento em que os alunos podem autoavaliar a sua produção, a partir de orientações que buscam contribuir cada vez mais para aprimorar o aprendizado.

Por fim, percebemos que o livro é composto por muitos textos para leitura e observação sobre o gênero e também por atividades, trazendo bastante informação para que os alunos possam aprender com maior detalhamento sobre o gênero seminário. Consideramos que para um bom entendimento e uma boa produção dos alunos é necessário que, além do livro, o professor tenha algum suporte (conteúdo pesquisado em sites confiáveis e didáticos) para aprimorar melhor o ensino, como também sobre a diferença entre oralidade e oralização, uma vez que, para a produção do gênero seminário, é essencial começar por essa teoria.

No decorrer do capítulo, o livro apresenta dicas para nortear o professor durante os processos de ensino e de aprendizagem. Essas dicas são apresentadas na figura 09, referente a informações na intenção de ajudar o professor no momento em que os alunos forem produzir os seminários.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 192, 194 e 195).

Com essas indicações é possível induzir o professor a fazer com que os alunos estudem sobre determinado gênero para desenvolver o trabalho. Assim, destacamos também a importância de saber sobre o paralelismo sintático na figura 09, que vai fazer com o professor oriente bem os alunos. A partir disso, na elaboração do seminário, os alunos terão o conhecimento do que colocar no seu trabalho, e quais equipamentos usar.

O livro conclui o capítulo trazendo como deve ser feita a apresentação oral pelos alunos, de modo que, deve conter os dados obtidos da pesquisa, como também as características próprias do gênero seminário. Assim, a figura 10 mostra como os alunos devem planejar a apresentação oral.

Figura 10: Apresentação

Elaborem as falas e as ensaiem bem. Durante os ensaios, todos devem fazer apresentações completas, de modo que os integrantes do grupo possam estar bem preparados para falar e mostrar a sequência de *slides* no tempo adequado. Analisem o desempenho de cada um, observando não só as informações expostas oralmente, mas também a expressão física, os gestos, o tom de voz e o olhar em relação à plateia. Troquem ideias e estratégias para aprimorar o seminário.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 215)

Com isso, percebe-se que, para uma boa apresentação do gênero seminário, o livro entende como sendo indispensável que as particularidades do gênero produzido se façam presentes no desenvolvimento do trabalho. A sugestão é de que a apresentação seja feita sob o formato de *slides*, o que supõe a necessidade de tecnologias na escola e o domínio dela por parte dos professores e dos alunos. É interessante pontuar que se recomende considerar não só a oralização, mas diversos outros aspectos inerentes à oralidade, como os gestos, o tom de voz, a aparência, enfim, aspectos que influenciam na apresentação de um seminário e que devem ser levados em conta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo como o gênero seminário está situado no livro didático e como é sugerido para que os docentes possam ensinar aos alunos, e sabendo o quanto o ser humano necessita que essa modalidade seja trabalhada progressivamente, é que buscamos investigar neste trabalho como esse gênero é estudado no livro para o ensino de Língua Portuguesa através de uma análise, afim de examinar se o ensino do gênero seminário através do livro está coerente com a aprendizagem do aluno.

Essa análise nos permitiu perceber como o livro didático apresenta a profundidade do gênero seminário e o quanto devemos torná-lo como objeto de ensino, já que o seminário cumpre papel importante no desenvolvimento de habilidades orais dos alunos.

Com isso, alcançamos como os objetivos geral e específicos são abordados no livro didático, sendo então uma análise que contribui para uma reflexão no ensino aprendido do aluno. E que, os resultados de dados encontrados se constituem que o livro didático analisado alcança sobre como o gênero seminário pode ser trabalhado em sala de aula, trazendo também uma observação e conceituação do gênero.

Assim, as buscas examinadas nesta pesquisa, também se destacam em pontos positivos e negativos. Como o ponto positivo, destacamos a aprendizagem do aluno sobre o gênero seminário através da prática, e como ponto negativo mencionados destacamos a seção da teoria da análise do livro sobre o gênero seminário, sendo então uma teoria limitada e que para um bom desempenho dos alunos necessita ser aperfeiçoada pelo professor.

Mas, como vimos, estudar gêneros orais formais permite que o aluno alcance diversos modos de agir, seja no ambiente escolar ou não escolar e com isso, essa prática estimula o aluno cada vez mais a desenvolver seus conhecimentos e ter uma progressão na vida escolar. Afinal, é muito importante abordar sobre o seminário, visto que, é um gênero textual que tem uma perspectiva de mostrar aos alunos essa relação de conhecimento, seja com o professor ou com os colegas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. R.; MELO, B. O. R. **Oralidade e as estratégias de progressão temática: práticas com o gênero seminário em uma turma de 9º ano**. In: *Letras*, Santa Maria, n. 01, 2020. 399-420 p.

ARAÚJO, D. L.; SILVA, W. M. **A oralidade em foco: conceitos, descrição e experiências de ensino**. Campinas – SP, Pontes editora, 2016.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016. 176 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BUENO, L.; ABREU, C. J. **Gêneros orais na universidade: relato de uma experiência com o seminário**. In: *Synergies Brésil*, nº 8 - 2010. 119-125p.

FARIAS, A. C. S.; SOUZA, F. A. **Leitura e Produção de Textos Orais e Escritos na Alfabetização**. Salvador: Artigo, 2019. 59 p.

FÁVERO, L. L. *et al.* **Oralidade e Escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

JUNIOR, E. G. F.; FORTE-FERREIRA, E. C. **O espaço da oralidade na escola: uma análise da base nacional comum curricular**. In: FORTE-FERREIRA, E. C.; LIMA-NETO, V. **Oralidade e (multi)letramentos no ensino de línguas**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020, p. 11-29.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

ORMUNDO, W; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. São Paulo: Moderna, 2018. 364 p. v. 4.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2013. 277 p.

TRAVAGLIA, L. C. **Gêneros orais - Conceituação e Caracterização**. In: **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 19, 2017.